

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Correio da Manhã Class.: PIX-antecedentes
Data: 28.08.58 Pg.: 491

PERCORRENDO O BRASIL

XINGU É O ÚLTIMO REDUTO DOS ÍNDIOS

Médico é a personalidade mais importante da floresta — Na operação de emergência, enfermeiro sofreu mais do que o doente — Quarup, a festa da morte — Índios e brancos têm medo de caiapó — Companhias colonizadoras de olho na terra dos índios

de nosso enviado especial MÁRCIO MOREIRA ALVES

Capitão Vasconcelos, perto do rio Xingu, regurgitava os índios de todas as tribos da região, vindos para o Quarup na aldeia próxima. Preparavam-se para seis dias de festança, de cantos, danças e campeonatos de luta livre. Assim que o som do motor do carro começou a assustar as araras da mata, os índios vieram para a beira do campo em um pressentimento da chegada do homem mais importante da floresta — médico. Os selvagens do Xingu aprenderam com o branco a respeitar a morte e a vida saídas da civilização — a espingarda e a medicina. Uma carabina vinte e dois é o presente mais precioso para um cacique importante e sempre que a doença cerca o índio, ele corre para o posto do SPI na esperança da pastilha ou da injeção salvadora. Aliás, preferem a injeção que pica o músculo, na crença de que "o que arde cura e o que aperta segura". Cláudio e Orlando Vilas Boas acumulam no sertão as funções de abridores de estradas e campos de aviação com as de parceiros e sanitaristas.

DOR NÃO MEXE COM ROSTO DE ÍNDIO

O médico era o capitão Josecyl Camara Lima, a anciedade era pela saúde do índio que na escuridão de um maloca morria a togo brando de um enorme anexo, no pescoço. Na ida o dr. Josecyl o examinara e receitara a penicilina que nenhum efeito teve. O remédio agora era operar. Anestésico não havia na farmácia, um recanto da choca fechado por uma tábuas. Mesa de operação muito menor. O piloto, tenente-coronel Mário Coqueiro, tirou o dólman, passou vagamente álcool nas mãos e improvisou-se enfermeiro.

O índio entrou escorado por um companheiro. Estava magro, abatido. O rosto só tinha olhos, havia vinte dias que não deixava a rede e andar o entontecia. Sentou-se teso e ouviu de Cláudio Vilas Boas a recomendação de não se mexer durante a operação. O bisturi fez um rasgo de uns três centímetros e Coqueiros começou a desdobrar-se entre o doente e o rôlo de algodão. O pus saía como de uma bismaga e quando Josecyl pensava que se acabara, um novo apêrto no tumor expulsava mais ainda. Quinze minutos depois o curativo termi-



Camaiura em Capitão Vasconcelos. A selva prepara a festa da morte.

nava com a colocação de um dreno e o índio piscou. O tempo todo ficava de olhos arregalados, fitando um ponto fixo. Nenhum músculo de seu rosto tremeu quando o gume da faca lhe entrou na carne. O índio voltou à maloca no mesmo andar que viera. Coqueiro pôde sentar-se, gastar a tensão acumulada por seus nervos de enfermeiro inexperiente. A atmosfera do Quarup voltou a reinar na aldeia.

PESTA NASCE DA MORTE

O Quarup é festa rara que só acontece um ano depois da morte de algum grande chefe, no plenilúnio de agosto. O enterro do cacique é provisoriamente feito em cova rasa que a tribo se encarrega de regar todos os dias para apressar a putrefação. Na lua cheia é o cadáver desenterrado e seus ossos despojados dos últimos restos de carne. Então, a tribo, por seis dias carpe o morto, culminando com uma autoflagelação em massa, todos dilacerando rosto, braços, ombros, costas com afilados pedaços de osso. Só depois é que o cacique encontra a urna e a sepultura definitiva.

Para o Quarup são convidadas as tribus vizinhas e os campeões treinam o ano inteiro para as competições de uma luta que se parece com o "catch" e termina com a vitória de quem conseguir segurar a perna do adversário e derrubá-lo. Al do vencido se for novato sem prestígio! É jogado perto do lugar onde sentam as mulheres que, para desmoralizá-lo ainda mais, aproveitam a queda para bombardeá-lo com punhados de terra.

GUERRA POR PIRRAÇA

Até hoje a região do Xingu serviu de asilo para os índios escorçados pelo avanço dos brancos. No território protegido por serras e rios encaixotados existem representantes dos quatro grandes grupos lingüísticos — Gê, Aruaque, Tupi e Caraiíba. Os terríveis caiapós dominam as barrancas do rio perto das corredeiras e seringueiro não se aventura a enfrentar as bordunas dos beicolas. As tribos possuem relações nem sempre pacíficas. Para facilitar as trocas, emprestam-se mutuamente meninos de sete ou oito anos que, depois de aprender a língua de seus hospedeiros, servirão de intérpretes nos negócios recíprocos, mas a guerra nasce por razão mínima ou por razão nenhuma. As vezes é simples pirraça. Os ticões, da raça caiapó, tomaram assinatura contra os meinacos e há anos os perseguem. Os pobres meinacos já andaram centenas de léguas na fuga, abandonando roças e aldeias. Reduzidos a menos de duas dezenas de guerreiros, instalaram-se pertinho de um posto do SPI e já se viam livres do inimigo quando, o ano passado, a flecha de um caçador ticão feriu o cacique meinaco. A pirraça é comprovada quando se sabe que os ticões atravessam, na peregrinação de seus grupos de caça, muitos territórios de outras tribos sem brigar com ninguém. E só a meinaco que tem alergia.

TERROR CAIAPÓ

Quando índios de outras tribos que-rem falar de gente ruim ou de lugar perigoso dizem logo: — "Caiapó! Os caiapós são os índios mais primitivos, mais numerosos, mais agressivos e contam os que os conhecem que, apesar de tudo, são os mais inteligentes. Não sabem fazer canoa, suas casas são paus fincados no chão cobertos por folhas e com parede só do lado do vento. Dormem no chão e as flechas que possuem são roubadas dos outros. Sua arma é a borduna, porrete aparado com três arestas. Com ela, chegam à perfeição de caçar o veado, o animal mais arisco da floresta. Quando resolvem pegar um seringueiro invasor de seus territórios, o homem pode rezar por alma que quando descuidar e deixar a carabina fora de alcance o golpe de taca-pe o abaterá.

Em 1954 os irmãos Vilas Boas conseguiram entrar em contato com uma tribo de caiapós. Depois de complicadíssimas demarções diplomáticas conseguiram chegar à aldeia, onde encontraram três brancos: um homem, uma mulher de vinte e poucos anos e um menino de quinze. Só o menino, que fora raptado em Mato Grosso, a quase 500 quilômetros da região da tribo, pôde ser restituído à família. A mulher não conseguia andar vestida e gostava mais dos índios que dos homens brancos...

ÍNDIOS DESAPARECEM DEVACAR

Mesmo no Xingu a população indígena está diminuindo. As cunhãs

facilmente se vê um índio muito velho e nos poucos que se encontra a senilidade é precoce. As guerras constantes reclamam seu tributo de homens jovens e a extinção das raças é ajudada pelos costumes tribais que impedem o casamento entre membros de um mesmo clã. Várias tribos estão reduzidas a meia dúzia de pessoas e muitas são as que já desapareceram. O branco, os governos, em vez de ajudar o esforço do Serviço de Proteção aos Índios, fazem o que podem para acabar com nossos alegres selvagens. Os executivos estaduais, esquecendo a Constituição, distribuem às companhias "colonizadoras" concessões às mãos cheias nas terras do Xingu. Contam o caso recente de medidores de terras que, ao descer o rio, encontraram um grupo de caiapós que, das margens, espialavam o motor de pópa empurrar o barco correnteza acima. Não conversaram os "colonizadores". Uma rajada de metralhadora portátil deixou doze cadáveres na areia.

ADULTÉRIO É CULPA DA MULHER

Índio que casa com cunhã de outra tribo muda-se às vezes para a casa da sogra, adota a tribo da mulher. Esse matriarcado muitas vezes vira o feitiço contra o feliz marido: o homem é que fica de resguardo e o adultério não é culpa sua, é culpa da mulher. Talvez por isso seja raríssimo. Roupa de índia é uma embara em volta da cintura e um losango de buiti o "uluri" desce ao sexo. Essa embara é tabu para os homens que não a tocam por todo o ouro do mundo, nem por todas as carabinas. Logo, quando a mulher trai o marido, é ela que se despe — a culpa do adultério é exclusivamente sua.



Cunhã fazendo beiju